Eu sou... | Aroldo Pereira da Rosa

Meu coração bate tão forte que meu corpo dá trancos para a frente. Por um instante, eu me enxergo de fora do meu corpo. Flutuo atrás de mim e observo minha matéria sentada. Não que eu tenha algo contra flutuar fora do meu corpo, mas é sério que é assim que meu cabelo parece para quem me vê por trás?

Fecho meus olhos o mais forte que consigo e sinto que voltei para dentro de mim. O que tem de errado comigo? Pego um espelho de dentro da bolsa. Meus olhos contornados com um lápis preto aparecem no vidro. Eles piscaram para mim? Mas eu não pisquei. Quem é essa pessoa me olhando?

Uma senhora ao meu lado começa a conversar comigo. Meu celular vibra, avisando que meu Uber chegou. Ainda bem. Posso me levantar sem ter que inventar uma desculpa. Estou com várias sacolas na mão. Um suspiro escapa dos meus lábios. Uma hora vou precisar admitir que ficar comprando um monte de coisas não vai suprir seja lá o que falta dentro de mim.

Por sorte, o caminho é curto. Estou doido para fumar. Outro reflexo, agora no vidro do carro. Quem é essa menina que está olhando para mim? Será que, no mundo que existe do outro lado do espelho, ela é feliz? Amasso o cigarro sem terminar. Droga. Não tenho nenhum chiclete.

O mercadinho fica duas quadras abaixo. Olho o relógio. Tenho tempo. Mesmo assim, prefiro apertar o passo. Quando entro no mercado, estou ofegante. É, eu preciso parar de fumar.

O local está vazio. Peço o chiclete e, pra não perder a viagem, compro mais um maço de cigarros. O senhorzinho coloca os dois itens no balcão, e meus olhos são atraídos para a imagem impressa no maço. Que legal. Esse é dos que causam câncer.

Acho graça da minha própria piada enquanto espero com o cartão na mão. Esse senhorzinho não deveria se aposentar? Ele levou dez minutos para conseguir cobrar as coisas que eu comprei. Se eu tivesse saído correndo sem pagar, ele não teria me alcançado. Será que chamaria a polícia?

Viaturas me perseguindo. O barulho de um helicóptero. Um megafone gritando. Como eles sabem o nome que meus pais me deram? Não importa. Eles iam se cansar de chamar. Eu não pararia. Eu correria mais. Aumentaria a velocidade a cada vez que escutasse aquele nome.

Ou então eu pararia e, quando o policial me agarrasse pelos ombros, eu diria: acho que a pessoa que vocês procuram foi por ali. Ele me olharia e diria: tem razão, você não é ela, me desculpe. Ele continuaria correndo, com as sirenes e os helicópteros se afastando.

Não consigo me impedir de ter uma crise de riso. Um casal me encara, e eu tampo a boca com as palmas das mãos. O relógio apita, e me dou conta de que estou perdendo tempo. Paro de rir e dou um pique, cruzando a rua.

Cruzo a porta e estou na recepção. Deu tempo. Estou sentado de novo. Uma criança vem e faz carinho no meu rosto. Sinto as minhas bochechas quentes. Ah, lá vem ele. Entramos. O que ele me diria se eu contasse tudo o que tem na minha cabeça? Será que ele ainda ia gostar de mim? Será que ainda seríamos amigos?

Ah? As provas, claro. Nós somos amigos? Meus pais pagam para ele estar aqui, para fazer essas provas comigo. Ele não é meu amigo. Mas me trata tão bem. Outra vez. Ele está percebendo que não estou aqui. Meus pés estão gelando. Eu sinto que vou me descolar de novo. Não. Eu preciso ficar aqui. Não posso sair flutuando agora.

Um texto? É sério que ele quer que eu faça um texto? Eu não tenho nem condições de dizer quem eu sou. Como eu vou escrever algo? Encaro o computador virado para mim, do outro lado da mesa, meu amigo está respondendo mensagens no celular. De novo, ele não é meu amigo. Não é? Esse tracinho fica piscando. Text cursor. Como chama em português? Cursor? Isso é uma palavra que existe? Esse teclado devia fazer tanto barulho quando eu digito? Ele continua com a cara no celular. Será que percebeu que eu estou digitando e apagando o tempo todo? Eu só queria dizer isso aqui para ele. Apaga. Apaga. Por que você não apaga?

Minha boca se mexe e o nome dele escapa. Ele está me olhando. Eu fiquei louco? Por que estou virando a tela para ele? Ele vai ver o que eu escrevi. Eu acho que sou um menino. Olha a cara dele. Ele acabou de ler. Eu acho que sou um menino. O que essa expressão quer dizer? Ele está olhando para o teto. Será que está pensando em uma forma de dizer que eu enlouqueci?

— Tudo bem.

Tudo bem? Tudo bem? Eu estou com o coração aqui aos pulos. Eu acabei de dizer que não sou a menina que todo mundo pensa que eu sou, e ele me diz "tudo bem"? Será que ele vai dizer "tudo bem" se eu jogar alguma coisa na cara dele? Não está tudo bem. Fala mais alguma coisa, não fica aí parado me olhando. Por que está passando a mão no nariz? Isso quer dizer alguma coisa?

— Você é a mesma pessoa para mim. Se é assim que você se reconhece, eu vou respeitar. Não preciso te questionar nem te encher de perguntas. Só peço desculpas se eu errar no começo.

Eu... Eu... Isso está acontecendo mesmo? Eu quero dar um abraço nele. Ele não gosta de abraços. Eu estou chorando. Eu sou um menino. Eu sou um menino e não tem problema nenhum nisso. Eu sou um menino. Pela primeira vez, parece que algo faz sentido.